

APRESENTAÇÃO

AS DIMENSÕES DA CULTURA NA BAIXADA FLUMINENSE: UM DOSSIÊ E DUAS CENAS

Organizadores:

Bruno Nogueira Ferreira Borja

 <https://orcid.org/0000-0002-4813-7001>

Correspondência: borja.bruno@gmail.com

Professor do Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPaCS) e do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, Nova Iguaçu). Coordenador do Observatório Baixada Cultural (OBaC-IFRJ/UFRRJ) e da Escola Popular de Artes (EPA-UFRRJ). Poeta.

João Guerreiro Mendes

Correspondência: joao.mendes@ifrrj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1788-4132>

Professor do Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ (Instituto Federal do Rio de Janeiro/Campus Nilópolis). Coordenador do Observatório Baixada Cultural (OBaC-IFRJ/UFRRJ). Membro do Conselho Estadual de Políticas Culturais (CEPC/RJ) desde 2021.

Nielson Bezerra

Correspondência: bezerranielson@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2211-5389>

Professor Associado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF/UERJ. Chefe do Departamento de História da FEBF-UERJ; Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias (PPGECC/UERJ); Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Cultural A Cor da Baixada.

Falar de cultura na Baixada Fluminense é falar de pulsão de vida vibrante em um território marcado pela periferização, imposta pelo desenvolvimento metropolitano. Uma Baixada unificada pela condição periférica na metrópole, mas diversa nos territórios, na história, na cultura. Baixada urbana e rural; Baixada vanguarda e ancestral; Baixada nos trilhos e nas matas; Baixada violenta e solidária; Baixada de contrastes e contradições. As várias dimensões da Baixada, as múltiplas dimensões da cultura.

Esse dossiê busca publicar artigos que interpretem as dimensões da cultura na Baixada Fluminense. A cultura enquanto modo de vida de determinado grupo social, modo de produção da vida material e imaterial. A cultura enquanto produção cultural, artística, estética, simbólica. A cultura enquanto meio de socialização, comunicação, linguagem, pertencimento e identidade. A dimensão econômica da cadeia produtiva da cultura, com geração de trabalho, emprego e renda. A dimensão territorial das especificidades da produção cultural local e seu potencial de desenvolvimento nos

territórios. A dimensão étnico-racial da formação histórica do povo e de suas expressões culturais contemporâneas. As políticas culturais e a gestão pública municipal na região. O patrimônio cultural, seu vínculo com a memória e a identidade, e as políticas de educação patrimonial. A formação em arte e cultura, através de experiências em escolas, universidades, organizações comunitárias, espaços formais e não formais de educação. A organização do movimento social da cultura, dos movimentos artísticos, sua estética e sua política, arte pública, arte urbana, arte de rua. Cultura BXD.

Duas cenas da cultura na Baixada Fluminense

Ao tratar das dimensões da cultura na Baixada Fluminense, podemos pensar em duas cenas, que se tocam, se entrelaçam e caminham lado a lado. Em primeiro plano, a cena cultural propriamente dita, com suas tendências presentes na produção artística, na construção de identidade, na política cultural, nas mais diversas práticas e formas de atuação de fazedores e fazedoras de cultura no território. Em segundo plano, a pesquisa acadêmica sobre essa cena cultural, uma metalinguagem que, ao pesquisar a cena cultural, constrói sua dimensão de produção de conhecimento acadêmico socialmente referenciado no território. A produção de conhecimento, como produção de autoconhecimento, também compõe uma das dimensões da cultura. Nesse sentido, essas duas cenas – a cultura e a pesquisa acadêmica sobre a cultura – contribuem, cada uma ao seu modo, para formar a identidade cultural da Baixada Fluminense.

Afinal, um tema recorrente nas pesquisas é a construção identitária em um território historicamente periferizado e estigmatizado pela cultura hegemônica da metrópole, especialmente nos meios de comunicação de massa. Se afirmar da Baixada, da BF ou da BXD carrega muito significado, por vezes ainda com viés negativo, mas que tem sido objeto de intensa ressignificação no tempo presente. Desde a busca das raízes ancestrais do território, passando pelos processos migratórios, até à atual geração de jovens artistas que carrega a Baixada no nome. A construção e a afirmação de uma identidade cultural própria são questões centrais no território.

Alguns temas de pesquisa explicitam a potência da produção cultural em seus segmentos específicos, como, por exemplo, a força da produção audiovisual na região. Com um movimento cineclubista de longa data e tradição, a Baixada Fluminense se destaca na produção de cinema independente e na invenção de circuitos alternativos de distribuição, em espaços não formais de exibição cinematográfica. Movimento

impulsionado nos últimos anos pelas leis federais de cultura, especialmente pela Lei Paulo Gustavo, que direcionou recursos federais para estados e municípios implementarem políticas culturais focadas no audiovisual.

Para além do cinema e audiovisual, há toda uma produção cultural complexa e diversificada na Baixada, envolvendo muitos coletivos artísticos, centros culturais e equipamentos comunitários. Mapear essa produção é um esforço que tem sido feito em vários centros de pesquisa locais, num jogo entre a cena cultural e a cena acadêmica. São diferentes linguagens artísticas sendo desenvolvidas em conexão com o território, apresentando especificidades estéticas, políticas, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, criando a partir de referenciais próprios da Baixada.

Desde a pandemia, essa cena cultural tem sido impulsionada por políticas públicas de cultura dos municípios e do estado do Rio de Janeiro. Apesar da grande crise da pandemia, com isolamento social e proibição das atividades coletivas presenciais, a proposição de uma série de leis federais de cultura, abriu uma nova época para a cultura também na Baixada. A Lei Aldir Blanc, em 2020, e a Lei Paulo Gustavo e a Política Nacional Aldir Blanc, ambas em 2022, descentralizaram recursos federais para estados e municípios executarem políticas culturais territorializadas. Essas políticas promoveram grande crescimento da produção cultural local, e com ela, como seu pano de fundo, incentivaram o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre a cultura na Baixada, reativando essas duas cenas da cultura BXD.

Essas pesquisas têm sido desenvolvidas em uma rede de instituições de pesquisa e ensino superior, composta majoritariamente por instituições públicas, que interliga pesquisadores e pesquisadoras atuantes na região. A busca por fazer pesquisas socialmente referenciadas, em instituições com ação territorializada, é a marca da atual cena acadêmica na Baixada Fluminense.

Essa rede de pesquisa mobiliza diversas instituições com campus na região, dentre elas: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Nova Iguaçu e Seropédica; Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) em Duque de Caxias; Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), com seus seis campi na Baixada: Belford Roxo, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Paracambi, São João de Meriti; Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), em Nova Iguaçu e Itaguaí; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em Duque de Caxias; Universidade do Grande Rio (Unigranrio), em Duque de Caxias e Nova Iguaçu, dentre outras universidades e faculdades privadas da

região.

Esse circuito de produção de conhecimento socialmente referenciado, próprio da Baixada Fluminense, se organiza em grupos de pesquisa, projeto de extensão e programas de pós-graduação sediados nos campi dessas instituições, viabilizando a formação e a atuação continuada de pesquisadores e pesquisadoras locais. Com a recente expansão das instituições públicas de ensino superior na região, foi ampliada a possibilidade de formar intelectuais orgânicos da Baixada Fluminense, isto é, pessoas que são organizadoras da cultura no território, e que fazem isso a partir de uma produção cultural amparada pela pesquisa acadêmica – mais um entrelaçamento entre cena cultural e cena acadêmica.

Um dossiê cultura BXD

A cultura da Baixada Fluminense é condutor político de emancipação econômica e reificação de identidades em condição dialógica entre as diferenças raciais, sociais e econômicas. As tensões também são experiências vividas e compartilhadas envolvendo múltiplos processos, desafios e possibilidades de se compreender a diversidade. Talvez, uma síntese para se pensar o processo de urbanização do Brasil através de suas periferias, que pulsam cultura ao mesmo tempo que resistem às políticas de violência e reivindicam direitos políticos para uma parcela da população brasileira que historicamente foi alijada dos projetos e dos rumos estabelecidos para o país. Desse modo, a diversidade de temas, concepções teóricas e abordagens metodológicas apresentadas nos artigos não é aleatória, mas uma tentativa de abarcar a multiplicidade que a cultura da Baixada Fluminense nos convida a contemplar, elaborando novas reflexões para que possamos sugerir novas perspectivas de identidades e territórios.

Entre os 10 artigos selecionados para esse dossiê, destaca-se um primeiro grupo de textos que está voltado para pensar as cartografias, as experiências e as diferentes leituras de identidades da Baixada Fluminense, dos quais é possível pensar uma dinâmica de pertencimento através do cotidiano, muitas vezes traçado ou tracejado por manifestações religiosas, mas que são, em muitos casos, sobretudo, experiências coletivas de partilha e de sobrevivência. A cultura da Baixada Fluminense muitas vezes é formada por deslocamentos demográficos que também provocaram deslocamentos culturais que, ao serem ressignificados pela cena acadêmica, podem ser percebidos como possibilidade de leituras de identidades do território.

Um segundo conjunto está nas expressões culturais, marcadas por estratégias

coletivas de produção, organização e circulação de cultura. A produção cultural na Baixada é, em primeiro lugar, uma produção comunitária. As faces empresariais da produção cultural da Baixada Fluminense ainda têm um longo percurso para oferecer condições de trabalho e remuneração adequadas para produtores e artistas periféricos. Quando o recurso econômico não é a principal razão para a produção cultural, é preciso olhar para o pertencimento, um signo comunitário, o desejo de fazer e pertencer à cena cultural, mesmo que ela ainda não tenha sido vista pela cena acadêmica. Nesse sentido, os artigos sobre a produção audiovisual na BXD são bons exemplos para se perceber como a produção comunitária tem revolucionado a produção cinematográfica a partir das periferias.

Por último, um terceiro conjunto de artigos onde é possível perceber um diálogo entre cultura, educação e políticas públicas. A cultura nas periferias sempre teve os espaços educativos como palco e cenário para suas formulações e apresentações. Em tempos de difusão e aceleração das políticas públicas nos territórios de periferias, na Baixada Fluminense a produção e a circulação cultural encontram na educação um lugar de profundo diálogo, onde é possível desaguar as expressões artísticas e as experiências identitárias formuladas e percebidas pela cena cultural. Assim, aqui há um esforço de organizar, pelo menos em parte, a cena acadêmica que tem olhado e tentado interpretar a multiplicidade de movimentos da cultura BXD.

Para além dos interesses de pesquisa mais em voga no momento, um chamado para um dossiê com temática específica como esse, sempre nos dá a possibilidade de mapear quem são as/os pesquisadoras/es do campo. Antes de terminar essa breve apresentação, gostaríamos de marcar aqui um ponto fundamental: os 10 artigos que compõem este dossiê foram escritos por 16 autoras/es, sendo 12 mulheres e 4 homens. A presença das mulheres na cultura e na produção de conhecimento sobre a cultura na Baixada Fluminense é uma realidade presente e pulsante. Este dossiê reflete isso, com seus 75% de autoras mulheres, com destaque para as jovens pesquisadoras com formação no território, como intelectuais emergentes na região.

Aproveitamos aqui para agradecer às autoras/es, pareceristas e revisoras/es pelo trabalho empreendido na realização deste dossiê. De igual modo, agradecemos ao editor Rodrigo Rodriguez pela proposta temática e pelo trabalho cuidadoso na edição deste número da revista Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, com todo zelo e compromisso que a cultura da Baixada merece.